

## **Cosmopercepção e natureza: diálogos entre Oyèrónkẹ Oyěwùmí e as comunidades de Terreiros de Candomblé.**

**Thaíssa Alves Gonçalves Silva**

Mestranda em Filosofia na PUC-Rio

<http://lattes.cnpq.br/4133643923376545>

[thaissa\\_goncalves@id.uff.br](mailto:thaissa_goncalves@id.uff.br)

169

Explorar o conceito cosmopercepção, estabelecido pela socióloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí, nos convida a dialogar realidades brasileiras que tangenciam as perspectivas e os modos de vida aqui concentradas desde África. Ao que diz respeito às espiritualidades, filosofias africanas e configurações dos modos de perceber e habitar o mundo, o termo nos nutre possibilidades de compreensão da natureza através de um tributo mobilizador: o sagrado. Assim, apresenta-se uma maneira mais inclusiva de descrever concepções de grupos que possuem uma relação em que natureza é o elemento fundamental que configura a cultura e um modo que vai radicalmente além da ideia ocidentalizada de uma natureza paisagística, objetificada e berço da matéria-prima para o progresso humano.

A cosmopercepção nos instaura um método discursivo para privilegiar sentidos que não seja apenas o visual, confluindo para uma combinação de sentidos. Tal paradigma de coexistência nos move a uma recusa da separação absoluta entre dentro (o corpo) e o fora (o mundo), o que leva a uma dimensão de pertencimento onde todos os sentidos e corpos são veiculados e pertencentes a essa unidade de constituição do copertencimento. Natureza torna-se expressão da cena dos fenômenos relativos à matéria de que é feito o mundo (Sodré, p. 97, 2017), colocando sob suspeita a ideia de uma natureza dentro da estrutura colonialista, tal como mencionado anteriormente.

Os Terreiros de Candomblé são comunidades litúrgicas constituídas na diáspora brasileira com a chegada dos povos africanos, submetidos ao sistema escravagista que buscou romper a unidade cultural africana (Diop, 1982). Essas comunidades puderam fornecer, através de ritos de manutenção da espiritualidade africana, um resgate das tradições, fazendo emergir o modo de interagir com o mundo. A natureza enquanto sagrada, representante das próprias divindades cultuadas, apresenta-se como um viés de

integração que regem a própria existência humana. Essa relação nos conduz a perceber a natureza como elo que produz princípios éticos civilizatórios para essas comunidades, que podem se apresentar como potentes agentes de enfrentamento diante a crise ambiental.

Ampliar os sentidos de ambos os conceitos – natureza e cosmopercepção –, é também um exercício de ampliação das estratégias diante a era do Antropoceno, onde as ações humanas são fontes de mudanças geológicas. Colocar sob suspeita o projeto ocidentalizado de hegemonização e aniquilação da vida, é também buscar diálogos que ultrapassem os limites desse. Pluriversalizar modos de existir, perceber e experienciar o mundo, pode reconfigurar as bases formuladoras da ideia de permanência da vida. Assim, a produção filosófica a partir dos Terreiros de Candomblé é uma proposta de compor caminhos que visam políticas públicas inclusivas e atentas à integridade da sociedade, que nos alterne a rota e desatine a concepção de finais de mundo produzidas sob um vazio monofilosófico.

**Palavras-chave:** Cosmopercepção. Natureza. Afrodiáspora. Candomblé.

### **Bibliografia**

DIOP, Cheikh A. *A Unidade Cultural da África Negra*. Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica. Serra da Amoreira: Edições Pedagogo; Rio de Janeiro: Edições Mulemba, 2014.

OYĚWUMÍ, Oyèronké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.